

# A SAGA DA GENOVEVA PIA NA CADÊNCIA MADRUGAL D'OS TAMBORES

THE SAGA OF GENOVEVA PIA IN THE MADRUGAL CADENCE OF THE DRUMS

LA SAGA DE GENOVEVA PIA EN LA CADENCIA DE LOS TAMBORES DE MADRUGAL

Maria dos Milagres da Cruz Lopes<sup>1</sup>  
José Carlos de Castro Dantas<sup>2</sup>

## RESUMO

A reflexão que se propõe neste artigo tem por objetivo uma breve ponderação entre filosofia e literatura sobre a saga da Genoveva Pia na cadência madrugal *d'Os tambores de São Luís* (1975), romance do grande poeta maranhense, Josué Montello (1917-2006), no qual faz-se uma narrativa entre a ficção e a realidade do período escravocrata colonial brasileiro no solo histórico de São Luís, MA. Para tanto, o texto se divide em duas partes: primeiro, volta-se a dialética entre história enquanto representativa e memória quanto fenômeno atualizável, individual e coletivo que se concretiza entre os espaços, acontecimentos, lembranças e esquecimento e, segundo, ressalta-se a importância da saga da preta Genoveva Pia, da persistência à resistência na acolhido, proteção e liberdade aos pretos e pretas, fazendo rememorar a ancestralidade do negro alforriado, Damião, personagem e narrador central do romance.

**Palavras-chave:** História; Memória; Tambores; Saga.

## ABSTRACT

*The reflection proposed in this article aims to briefly consider philosophy and literature on the saga of Genoveva Pia in the early morning cadence of the drums of São Luís (1975), a novel by the great poet from Maranhão, Josué Montello (1917-2006), in which a narrative is made between fiction and the reality of the Brazilian colonial slave period on the historical soil of São Luís, Ma. To this end, the text is divided into two parts: firstly, it looks at the dialectic between history as representative and memory as an actualizable, individual and collective phenomenon that takes shape between spaces, events, memories and forgetfulness and, secondly, it highlights the importance of the saga of the black woman Genoveva Pia, from persistence to resistance in welcoming, protecting and freeing the black men and women, recalling the ancestry of the freed black man Damião, the novel's central character and narrator.*

**Keywords:** History; Memory; Drums; Saga.

1 Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Teologia dos Jesuítas (FAJE). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação/PPGE, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Membro do Grupo de Pesquisa Studia Brasiliensia (CNPq) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política, Educação e Cultura (CNPq). E-mail: millacruzlopes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3935-2321>

2 Graduado em Filosofia (UFMA). Mestrado em Filosofia (UFPB). Doutorado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS). Professor Adjunto no Departamento de Educação e Filosofia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor na Faculdade Católica do Maranhão (FACMA). Membro do grupo de pesquisa Studia Brasiliensia (CNPq). E-mail: cdantasjc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1681-8136>

## RESUMEN

La reflexión propuesta en este artículo tiene como objetivo considerar brevemente la filosofía y la literatura sobre la saga de Genoveva Pia en la cadencia de la madrugada de *Os tambores de São Luís* (1975), novela del gran poeta de Maranhão, Josué Montello (1917-2006), en la que se hace una narración entre la ficción y la realidad del período esclavista colonial brasileño en el suelo histórico de São Luís, MA. Para ello, el texto se divide en dos partes: en primer lugar, se examina la dialéctica entre la historia como representación y la memoria como fenómeno actualizable, individual y colectivo, que se configura entre espacios, acontecimientos, recuerdos y olvidos; y, en segundo lugar, se destaca la importancia de la saga de la negra Genoveva Pia, desde la persistencia hasta la resistencia en la acogida, protección y liberación de los negros y negras, recordando la ascendencia del negro liberado, Damião, personaje central y narrador de la novela.

**Palabras clave:** Historia; Memoria; Tambores; Saga.

## INTRODUÇÃO

O romance *Os Tambores de São Luís* constitui-se em estética envolvente e instigante, subjazendo o entrecruzamento étnico luso-africano, pelo qual desvela-se o caráter pluridimensional da obra - histórica, antropológica, sociocultural, ético-política e religiosa -, desdobrada em pessoas, espaços, discursos, objetos, linguagens, acontecimentos, rituais etc. Situando a complexa narrativa no solo histórico do sistema escravocrata brasileiro, estendido do período colonial - século XVI até a iminência da proclamação da República, século XIX -, Josué Montello, num jogo discursivo genial entre ficção e realidade, faz sobressair a saga do protagonista-narrador, Damião, pelo qual sincronizam-se realidades e épocas diferentes, tendo como pano de fundo a cidade de São Luís, MA e sua estrutura arquitetônica, os sons ininterruptos dos tambores, a constatação do assassinato de um preto em bar e a lua que, moderadamente, ilumina os telhados e as ruas naquela longa noite de 1915, suficiente para revelar o horror do racismo e suas atrocidades impostos por aquela cultura brasileira escravocrata do “novecentos” para os corpos de homens e mulheres.

Justamente, no mesmo tecido narrativo, encontramos nos argumentos de Montello, sobretudo, desde o capítulo vigésimo sexto, a saga da preta Genoveva, aliás, inspirada na “preta mina Vitória que me benzeu com seu raminho de arruda”, a quem ele dedica a epígrafe do romance, fundamental para rememorar a ancestralidade de Damião, desde o berço africano, passando pelas perversas travessias oceânicas, até às brutalidades impostas pelas condições desumanas de vida dos negros entre Turiaçu e São Luís. Por outro lado, Genoveva, entre a beleza e o êxtase festivo de *noviche* na Casa das Minas, e a resistência e afeto humano profundo que acolhe e protege os pretos e pretas, exprime, sobretudo, a luta exemplar de mulher dedicada à liberdade e dignidade do seu povo - e por que não da humanidade -, pois toda a escravidão, ainda mais aquela ostensivamente violenta, contradiz ou desconstrói o próprio sentido de civilização. Genoveva foi assassinada pelo Cabo Machado, exatamente, nesse contexto de agonia, em defesa da liberdade para os pretos.

O presente texto compõe-se, de duas partes: a primeira retoma os conceitos correlacionados de história e memória em Pierre Nora; a segunda, trata da conexão entre memória e história, da memória

que inventaria a reviravolta da história oficial, uma vez que, na expressão de Rute Baquero *apud* Berth (2019), a escrita vincula-se, de alguma forma ao poder, às voltas, nesse caso, da personagem Genoveva Pia, que Josué Montello associa à perspectiva das persistentes resistências e às causas dos pretos e das pretas: liberdade, dignidade e respeito.

## ALUSÃO AOS CONCEITOS DE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Situada no perímetro histórico-literário, a célebre obra de reconhecimento internacional, embora de caráter regionalista, *Os Tambores de São Luís*, parece poder associar-se ou, pelo menos, preciosismo àquela dialética entre História e Memória, bem explicada por Pierre Nora *em Memória e História: a problemática dos lugares* (1984). Por um lado, a história, à medida que representativa do que não mais existe, implica operação intelectual sob exigência de análise discursiva e perspectiva científico-institucional e arquivístico-ideológico; por outro, com efeito, distingue-se da memória enquanto fenômeno atualizável, múltiplo, individual e coletivizada, que se concretiza entre espaços, imagens, objetos etc., situada, no cerne paradoxal entre a lembrança e o esquecimento.

Todavia, a despeito dessa relevante distinção de Nora, parece que não há por que refutar associações possíveis entre memória e história, aliás, é inegável a ação recíproca entre ambas. Nesse sentido, retomemos a descrição de Costa (2010), daquele Brasil do fim do século XIX e início do século XX, quando a aristocracia escravocrata justificava a escravidão como condição para o expurgo da ignorância e conversão ao cristianismo, e que a ordem social, designada pela Providência Divina, estabelecia alguns como sendo nobres e livres, e outros como pobres e escravos. Ora, a ruptura legal dessa concepção e prática através da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, consistia, por um lado, conforme o relator - o Deputado Duarte de Azevedo -, em “preito de homenagem à civilização do século e à generosidade [...] de todos aqueles que amam a humanidade” (Costa, 2010, p. 11) e, por outro, esse acontecimento, a abolição, entre a euforia e o repúdio, assinalava, portanto, dois opostos constrangimentos: uma espécie de “assalto mais inclemente [...] contra a propriedade privada”, na expressão de um fazendeiro, provavelmente, do Rio de Janeiro. Sendo assim, a vida de ex-escravos, noutro viés, estava relegada, a partir daquele contexto, à própria sorte, isto é, “a Lei Áurea abolia a escravidão, mas não seu legado.” (Costa, 2010, p. 12).

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA OS TAMBORES DE SÃO LUÍS, DE JOSUÉ MONTELLO

Considerando, pois, que a memória pode atuar entre o romance e a história, *Os tambores de São Luís*, a obra principal do autor Maranhense Josué Montello, publicada em 1975, traduzida em diversos idiomas, é composta de 68 capítulos curtos, nos quais desdobra a saga do preto e da preta, desde que foram forçados a deslocar-se do seu *ethos* africano, passando pela atormentadora travessia atlântica ao aportamento em São Luís do Maranhão, onde encontrariam as ofensivas do racismo e suas violências, típica da cultura escravocrata. O próprio Montello, numa entrevista à revista *Balaio de Notícias*, revela seu objetivo de apresentar no romance questões da construção de identidade do preto e da preta maranhense, com as suas lutas, com a sua cultura, com os seus valores existenciais, com a sua memória genética, e com suas tendências e aspirações, ajustadas ao ambiente e à realidade tropical, assim expressa:

Foram mais de vinte anos de estudos e pesquisas sobre o cativo no Brasil - notadamente em minha província natal, o Maranhão. [...]. Tudo quanto me foi possível obter, em livros, revistas e jornais, sobre o negro brasileiro, como história, crença, tradições, lutas, castigos, revoltas e humilhações, em conexão com a estrutura de *Os tambores de São Luís*, não deixou de ser lido e assimilado. (Jesus, 2013, p. 6)

O cenário da obra é a cidade de São Luís do começo do século XX, com seus casarões, ruas calçadas, ladeiras e becos, e sob os efeitos da crise econômica atribuída ao fim do trabalho escravo, cuja narrativa, como bem notou Conceição Belfort (2013), desenvolve-se em três momentos: o primeiro situa-se no ano de 1915, quando, numa noite sob meia luz da lua e de festa na Casa das Ninas, o negro alforriado Damião - personagem e narrador central, de 80 anos, sai de sua casa na Madre Deus (Centro) para o bairro periférico da Gamboa, para conhecer seu trineto recém-nascido, quando depara-se com o assassinato anônimo, de um preto em um bar. Damião move-se, nesse ínterim, entre o espanto perante o crime e o receio de, na condição de preto, poder ser, por algum infortúnio, envolvido. Precisa, urgentemente, retomar seu destino.

A partir dessa ocorrência no segundo momento, desencadeia-se na memória de Damião vestígios um enredo complexo e extenso espaço-temporalmente entre a fazenda Bela Vista, em Turiaçu-MA, São Luís e as ancestralidades africanas: a vida cruel na fazenda com a família (pai Julião, a mãe Inácia e a irmã Leocádia) e os demais escravos; a fuga arriscada e organização do quilombo, e a traição do preto Samuel; o espancamento brutal pelo dono da fazenda, Dr. Lustosa, que, na temperatura da ira, morrera de enfarte; o ingresso no seminário em São Luís e a sua posterior expulsão, por conta do racismo, não obstante a amizade conselheira e afetuosa mantida com o Pe. Policarpo (Pe. Tracajá); o encontro especial e decisivo com Genoveva: uma preta livre, combatente intransigente do racismo, defensora incansável da causa dos negros; a consciência oscilante das capacidades e impotências perante as violências impostas aos negros, inclusive a ele, enquanto professor do Liceu e exímio conhecedor do Latim; e a mais cruel e revoltante, o assassinato de Genoveva Pia, quando encaminhava a fuga de um grupo de negros rumo ao Pará.

O texto de Montello descreve, amiúde, como eventos e imagens como essas compõem a profusa memória discursiva de Damião. E tudo isso ao som ininterrupto e ancestral dos tambores reverberado da Casa-Grande-das-Minas, na Rua São Pantaleão. O terceiro momento circunscreve nessa “narrativa geográfica”, isto é, ludovicense, o fascinante encontro com o passado atualizado, num presente que retorna ao passado.

Damião simbolizava aquele contexto pós-abolicionista no Maranhão e no Brasil contrastado pela persistente violência psicológica e física, desde o banimento de suas origens. Nesse sentido, convém ressaltar que Pollak (1989), assim como Halbwachs, compreende memória como fenômeno coletivo, como constructo social, embora Pollak, particularmente, acentue a capacidade individual, portanto, específica, de formar e acessar memórias, atuando na elaboração/construção das recordações dos grupos.

No decurso ficcional das violências estúpidas talhadas na carne dos humanos pretos e pretas, envolvendo o coronelismo, o Estado e a convivência da Igreja, o autor, inspirado na preta mina Vitória, destaca - ainda na primeira parte do romance - a personagem Genoveva Pia, transportada como escrava

no mesmo navio em que estava Julião, pai de Damião, que comprou sua própria liberdade. Daí em diante, revela-se a saga de Genoveva Pia.

## DESCRIÇÃO DA SAGA DA PRETA GENOVEVA PIA: RESILIÊNCIAS E EXPRESSÕES IDENTITÁRIAS

Quem é Genoveva Pia? Uma mulher preta de força imaginativa que ressignifica sua identidade, suas vivências e estimula Damião a conscientizar-se da sua identidade, do pertencimento étnico, da importância da sua história e dos seus ancestrais, remetendo a ele uma textualidade, corpo do homem negro e da mulher negra, pautada por meio de uma experiência vivida, que afeta a identidade outrora perdida, e que pode ser resgatada. Assim, o lugar de fala da Genoveva Pia repõe todo o significado da presença de Damião no movimento do problema do preto no Brasil. Nestes termos, portanto, fala Genoveva:

Meu nego: tu não é filho de Julião? Eu logo vi. Não podia deixar de ser. Tu e ele, escrito e escancarado. Vejo um, tou vendo outro. Que fim levou ele? Morreu. espantou-se a preta. Nós veio da África no mesmo barco, meu fio. Ele era novinho, como tu. Bateram nele o tempo todo da viagem; ele firme, sem dobrar a cabeça. Homem como diabo. Nós veio de contrabando. Ele foi pro sertão, eu fiquei aqui [São Luís]. “Uma sinhá me comprou, deixou eu trabaiair até ter dinheiro pra comprar minha liberdade. Trabaiei como doida nos meus tachos de doce, e hoje tou aqui, dona do meu nariz. [...] E tu? Que tu faz aqui? Antão tu vai ser padre? Eu até quero ver para crer. Pretinho assim como tu, dentro da batina, fazendo sermão pros brancos. Tu precisas ir no tambor de Minas. Vai lá. De noite, não tem errada: basta ouvir o tambô tocando, lá eu sou noviche, tenho meu vodum, que anda comigo. Tu é preto, e preto puro, de boa raça como teu pai. Te chega aos pretos. Mãe Hosana vai gostar de te ver. Tu é preto grande, Damião. Eu sei quem tu é. [...] seu pai, homem de mando e força. (Montello, 2019, p. 217-2019, v. I)

A firme convicção identitária de Genoveva Pia a faz uma mulher lúcida, que sabe gerar sentimento e questionamentos ao tempo que marca de forma subjetiva a importância da sua história, de Damião, e do seu povo, para superar as agruras da vida por meio de resistência. Por isso, a sua intenção é trazer para o centro da discussão com Damião a importância da memória e do reconhecimento da sua história e da sua cultura como forma de resistência e de sobrevivência diante de tantas atrocidades.

A consciência da negritude em Genoveva Pia consiste em ver a realidade de como é tratada a questão de ser preto e preta nestas terras e como os tratam, mesmo diante da realidade da abolição, “negros e negras livres”, são tratados como vencidos em suas condições de escravos. Genoveva conscientiza Damião da sua condição de “escravo livre” que não escapa da realidade mais cruel do racismo dos senhores, das sinhás e feitores que agem sempre em nome da força e da brutalidade.

A descrição da Casa Grande das Minas por Genoveva Pia a Damião é narrada como lugar da memória, da identidade, do pertencimento, do empoderamento, e da resistência por meio de ritos, de cantos, de dança e de reverências aos *voduns*, uma afirmação na luta que se ergue pelo reconhecimento de identificação racial, cultural e religiosa, para manter viva a memória da sua ancestralidade preservando, com efeito, guardar sua origem africana:

Ressoam os tambores do querebentã da Rua São Pantaleão, graves, nervosos, compassados, guardando intacto o seu batuque primitivo, que reúne os negros livres, negros escravos, ali reencontravam seus deuses, seus cantos e seus irmãos. Esqueciam-se do cativo, não tinham mais senhores, nem feitores, e sim voduns, que os habitavam e protegiam. [...]. Os tambores retumbavam, e eles, os cativos, eram novamente os donos de suas horas, senhores de suas vontades. (Montello, 2019, p. 307, v. I)

Damião motivado por Genoveva vai à casa das Minas à noite, e lá se depara com um espaço, lugar do preto e da preta, estruturado como símbolo de resistência, de luta e libertação. São pretos e pretas que lideram as manifestações culturais, com seus ritos, criando movimentos e marcando uma forte presença histórica de uma cultura negada pela hegemonia branca, como se pode perceber no excerto a seguir:

Damião ali chegou, para ver Genoveva Pia e distinguiu a noite, com seus rosários e as suas pulseiras de búzios, rodeada pelas noviches, de cabeça de lindo, com bordado, com saias de pano-da-costa. [...] Pela primeira vez na vida, Damião experimentava a sensação física de que pisava chão africano, nas raízes de seu ser. Era ali, um negro entre negros, e tudo contribuía para aguçá-lo no espírito a consciência da raça - no cheiro dos corpos que se movimentavam, na água pura das jarras, no êxtase dos semblantes, [...] no saltitar dos pés descalços, [...] no bater dos tambores, [...] a harmonia das vozes [...] em lamentos como, como súplicas desesperadas [...] e toda casa se contagiava desse compasso. Damião reconhece Genoveva Pia num relance do olhar, que os outros negros sentiam o que ele sentia. (Montello, 2019, 307-308, v. I)

Na Casa das Minas, Damião é tomado pelo espanto diante do ritmo dos tambores e dos olhares felizes das noviches, que dançavam graciosamente, a ponto de encantá-lo. Sua admiração aguçou-se mais ainda diante da beleza e do encanto de Genoveva Pia, que transbordava de tanta felicidade, e logo percebeu que ali era seu lugar e que tinha uma missão a cumprir em favor dos outros pretos e pretas, e que tinha muito a aprender dessa grande mulher, destemida e corajosa, como o descrito:

[...] rodopiando sobre si mesma, à maneira de um pião. Parecia ter perdido a consciência do que se passava à sua volta. De olhos entrefechados, era uma bailarina sonambula, com pés ligeiro mariscando na terra do chão, e que a barra da saia também varria [...] somente presa à realidade circundante pela cadência frenética dos tambores. (Montelo, 2019, p. 310 -311, v. I)

O protagonismo de Genoveva permitiu que Damião recuperasse sua identidade, dando sentido à sua vida e à sua missão, que girava em torno das condições de ser negro, resgatando um pertencimento do passado, para afirmação do presente, em um processo de autorreconhecimento, da busca identitária, do lugar de fala, da resistência.

Damião, negro livre, letrado com a sua carta de alforria, é preso pelo cabo Machado (símbolo da violência branca) por consequência de sua ação de vez em quando de ter acolhido negros fugitivos, e sofre grande violência da chibata a mando do cabo Machado no depósito de presos. Em cada chicotada Damião pôs-se a pensar o que fizera até agora pelos outros negros? Pois se limitara apenas a dar guarida no seu quarto a pedido de Genoveva Pia". E pôs-se a

pensar: [...] ela sim, é que se desvela, sempre de portas abertas aos que tentam escapar à sanha de seus senhores, e era também ela que os mandava para longe, nos barcos atracados nas ribanceiras do Bacanga, dispersando-os mar afora, para restituí-los à liberdade. (Montello, 2019, p. 322, v. I.)

Damião continua a pensar:

Os negros eram muitos e a cidade crescera com eles. Não havia ali um sobrado, uma rua, um muro, uma praça, uma igreja, uma fonte pública, um convento, sem o suor do negro misturado ao seu barro ou às suas pedras. [...] nada se fazia sem eles. [...] E o que lhes davam, em troca de tudo isso? A sujeição e o chicote. Não, não era mais possível continuar assim. [...], só faltava alguém que os unissem, orientando-lhes o sentimento de revolta. (Montello, 2019, p. 327-328, v. I)

Geneveva Pia, abrindo espaço para um encontro com Damião após sua prisão, trava um profundo diálogo encorajando-o:

Ocê não tem nada que ficar abatido, não sinhô. O que eles querem é ocê se amofine. O mundo tá cheio de gente ruim. Um dia o vento muda. Deus é grande [...]. Com ocê os canalhas não fizeram a mardade inteira [...]. Olhe para mim: meu cabelo tornou a crescer, e veio até mais bonito, as mãos também sararam. [...] cabo Machado mandou avisar que um dia ele acaba com minha raça[...] negro tem de ajudar negros, Damião. [...] só trabaio para ajudar os pretos, [...]. Já perdi as conta dos negros que mandei embora. E toda vez que sorto mais um, fico de alma lavada. (Montello, 2019, p. 329-330, v. I)

Geneveva consciente do seu lugar de fala, enquanto mulher preta perseguida por muitos, tenta reanimar Damião, levando-lhes as feridas das chicotadas do malvado cabo Machado com água de ervas. Na medida em que lava as feridas, vai mostrando meios para aliviar seus sentimentos e dar sentido à sua vida:

Abra a boca, solte a língua. Se ocê quer falar palavrão, diga. É assim que a gente se alivia. Eu que sou muié, de vez em quando sorto os meus e é como se tirasse um peso de riba de minha cabeça. Chame Cabo Machado de fio de uma puta, com raiva, com força. Faz bem... [...]. Amanhã ocê tá miô [...] ocê é preto livre. Pense nos outros, nos que tão cativo, todo dia debaixo do chicote do sinhô, aguentando os calundus das sinhás. Esses, sim, tão na casa do sem-jeito. Só a gente dando a mão pra eles. (Montelo, 2019, p. 331, v. I)

Geneveva muda o pensamento de Damião através do seu exemplo de mulher preta e consciente, sendo capaz de sensibilizá-lo, pelo fato de ele ver nela tanta demonstração de lucidez, de firmeza e de solidariedade. Sua intenção é reanimá-lo a lutar sempre por seu espaço. Com esse intuito, ela o afaga:

[...] não quero te ver mastigando a raiva. Podem me bater, podem me prender, podem me ferar com ferro de preto fugido, e eu não deixo de fazer o que tou fazendo, dando a mão pros outros negros... Com meu vodum do meu lado, ninguém muda Geneveva Pia. E eu não tou só

Damião. Outros preto me ajuda. Já faz mais de dez anos que saiu a lei dizendo que não vinha mais preto de África pro Brasil, mentira meu fio. Ainda vem. [...], e é tudo metido de noite na cafua da praia Grande. De vez em quando nós furta eles e esconde; depois manda de vorta, noutro barco, noutras terras, sem ter sinhô. Se eu mastigasse a raiva das mardade que já me fizeram, cadê que eu tinha tempo de passar minhas rasteiras nas manchas dos brancos? Faz com eu, Damião. [...] Negro também é gente. (Montello, 2019, p. 330- 332; 474, v. I)

Genoveva se coloca no lugar da mulher preta responsável pela formação de um inconsciente cultural do preto e da preta no espaço brasileiro, pois sabe passar os valores culturais de uma África presente através do testemunho e da luta por seus direitos e por sua liberdade.

### GENOVEVA PIA: DA TRAVESSIA AO MARTÍRIO

A coragem, a singeleza, o encanto e a determinação de Genoveva Pia a faz uma mulher audaz, livre e senhora do seu corpo, que se destaca entre os pretos e pretas, sendo consciente de sua identidade e missão, como aquela que acolhe, acalenta e luta pela liberdade no cotidiano da vida, como podemos observar neste trecho:

[...] com seu lindo vestido branco, se ordena com as suas pulseiras e os cordões de búzios, enfeita seus cabelos para a grande noite de São João ao clarão das fogueiras e à luz do luar, aos estrondos das bombas, ao som das matracas com toadas dos cantadores. Em sua varanda se depara com os negros (que esperavam por ela para ajudá-los na fuga), Qui é isso? Indagou ela, já sabendo por que os negros estavam ali. Um deles responde: a gente tá aqui, Siá Genoveva, pra ver se ocê nos ajuda deixar de sofrer, pois hoje é festa do boi, ninguém vai se lembrara de sair atrás de nós. Ninguém aguenta mais. Dê um jeito na gente. [...] Ocês me esperam aqui mesmo - eu estava saindo para a Casa das Minas, mas deixo para ir depois. Primeiro vou tratar da vida de ocês [...]. Caminhando depressa na rua longa banhada de luar. [...] Livre, senhora de seu corpo e de seu tempo. Só tem hoje esta missão, além de obedecer ao seu vodum, que a faz dançar no terreiro, [...] ajudar os outros negros a fugirem para a liberdade. [...] Genoveva entra pela rua do trapiche, sem medo em busca do mestre Ambrósio no Portinho. [...] avisa aos negros e negras. [...] vamo embora , tá tudo pronto. Mestre Ambrósio vai deixar ocês no Pará. Tem de ser depressa. [...]. Lá distante, numa curva do bacanga já se podia ver o barco de mestre Ambrósio [...]. É naquele barco que ocês vão. E foi nesse momento que, de improviso, [...] numa emboscada, surgiram os guardas do cabo Machado, empunhando uma chibata. Genoveva Pia parou, [...] e foi ela a primeira a receber por cima da cabeça, lapada doida que a tonteou, [...] outra lapada caiu em cheio no peito de Genoveva Pia. Para aprenderes a não acoitar negro fugido. [...] Genoveva Pia não gemia, nem reclamava. Era como se um vodum vingativo a açoitasse, e ela se curvava sobre si mesma, aceitando o novo transe sem protesto, com a consciência de que a vida se lhe esvaia na dança doida do chicote que a castigava. (Montello, 2019, p. 388-400, v. II)

Dessa forma, revela-se a saga de Genoveva como reputada doceira, fulgurante *noviche da Casa das Minas*, empática acolhedora e conselheira dos pretos e das pretas, crítica radical do racismo,



medianeira das fugas e, por fim, mártir audaz em prol da travessia dos pretos e das pretas para a liberdade, colocando sua vida ao perigo eminente, o que culmina num martírio, que não interrompe uma consciência, uma luta, ou mesmo o sentimento de pertencimento. Pelo contrário, seu testemunho continua como memória viva, ecoando na luta por liberdade e pelos direitos dos seus companheiros e companheiras.

Da ficção à realidade, Genoveva simboliza a sabedoria, a resistência e o empoderamento feminino, mais ainda, da mulher preta, na luta resiliente por direito, dignidade e respeito no transcurso histórico desse país escravagista. E, com isso, Josué Montello alcança, na intenção profunda d'*Os Tambores de São Luís*, uma consciência histórica capaz de causar repugnância e de motivar engajamento contra quaisquer racismos, sutis ou ostensivos, que persistam em não reconhecer nos pretos e pretas a dignidade antropológica primordial e irredutível.

Assim como Genoveva Pia, muitas mulheres pretas se articulam sobre as questões identitárias do lugar de fala - num país tão racista e desigual -, que incansavelmente lutam pela busca do sentido de pertencimento, da memória e da história.

## CONCLUSÃO

Não é demais realçar, por fim, a magnanimidade literária d'*Os Tambores de São Luís*, porque, pela maestria peculiar de Montello, o texto escrito explicita a convergência sensível entre ficção e realidade, imaginação e relato exatamente no cerne do contexto paradoxal pós-abolicionista: por um lado, a ruptura da justificação ideológica da escravidão - inclusive, cristã - como expurgo da estupidez e da heresia, o que suscita a lembrança de que Pe. Antônio Vieira denominou, certa vez, o engenho escravocrata de “inferno doce”. Entretanto, por outro, persistem as violências plurais impelidas sobre corpos e mentes dos pretos e pretas. Nesse sentido, a pesquisa de Matheus Gato (2020), que descreve a tarde do “massacre de 17 de novembro de 1889” de militares sobre “o povo negro” ludovicense revoltado com a notícia jornalística do possível retorno da escravidão, atesta a resiliência aviltada do racismo estrutural e tirano impregnado na cultura brasileira. E esse é um infeliz estigma que perdura em suas pluriformas atualmente.

As páginas da obra de Montello, em suas descrições minuciosas, nos faz experimentar a sensação constante de repúdio às agressões ininterruptas e variáveis impostas aos pretos e pretas, indiferente às suas lassidões por conta do árduo trabalho cotidiano. Assim, estima-se que em São Luís, à altura do século de XIX, 62% da população era composta de escravos, portanto, uma maioria a serviço de uma minoria que, prepotentemente, dominava aquela.

Os protagonismos do preto Damião e da preta Genoveva Pia emblemam de forma mais sobressalente nos argumentos do autor os caminhos cruzados das violências e resistências, isto é, trazendo a lume o quanto as agressões estruturais e institucionalizadas abarcavam suas integridades - corpos e mentes -, mas também o quanto se resignaram e, entre o medo e o arrojo, combatiam as atrocidades racistas.

Portanto, o romance *Os Tambores de São Luís* estimula no leitor afeição singular por Genoveva Pia, cujo espírito, resistente e audaz, por assim dizer, encarna-se e expande-se no empoderamento de todo preto e preta, e de toda pessoa que, imbuída de memória histórica, compromete-se radicalmente em rechaçar formas de segregações e/ou racismo implícitos ou explícitos que intentem asfixiar o direito

à liberdade, ao respeito e à dignidade humana, por conta de qualquer estereotípi. Por fim, é mérito da obra, espreitar a necessidade de perscrutar as narrativas, pois, em seu interior, como adverte Paul Ricoeur (2007), é que opera a ideologização da memória, a partir da qual se estabelecem certas estratégias de esquecimento.

## REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BELFORT, Conceição. A construção de uma identidade nacional na obra “Os Tambores de São Luís”, de Josué Montello. **Revista Literária Online**, São Luís, n. 6, 2013. Disponível em <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/2312/2912>, acesso em 03.01.2023.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**. 9. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

GATO, Matheus. **O massacre dos libertos; sobre raça e república no Brasil (1888-1889)**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**, 1. ed. especial. São Luís: edições SECMA/CCJM, 2019, v. I, II.

NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Proj. História**, São Paulo, v. 10, dez, 1993, p. 7-28.

JESUS, Reginaldo de. **Entrevista os tambores de São Luís**. Balaio de Notícias. Disponível em: <https://www.balaiodenoticias.com.br>. Acesso em: 05.01. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora Unicamp, 2007.